

PELA PERSPECTIVA DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O PÃO E A PEDRA E LUGAR NENHUM, DA CIA DO LATÃO*

Camilla Soletti Costa (PIC/ UEM), Mariana Avanzi Soletti (PIC/UEM), Alexandre Villibor Flory (Orientador) E-mail: avflory@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) /Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Letras e artes/Teoria Literária.

Palavras-chave: Teatro épico; papel feminino; teatro e sociedade.

RESUMO

A partir dos preceitos do teatro dialético, este projeto de Iniciação Científica teve como objetivo geral analisar como foram construídas e qual o lugar dos papéis femininos nas peças *O pão e a pedra* e *Lugar Nenhum*, da Companhia do Latão. Em termos metodológicos, o projeto teve como referencial teórico as pesquisas de Rosenfeld (1985). Para o estudo da Companhia do Latão usamos, sobretudo, Carvalho (2009), além de dissertações e teses sobre o grupo, já numerosas. As obras em questão foram escritas por Sérgio de Carvalho, em processo colaborativo com o grupo. Ambas as peças dão protagonismo a papéis femininos, que formalizam esteticamente muitas das contradições que desafiam a existência feminina na arte, na vida profissional, afetiva e social. A Cia do Latão faz uma formalização estética que não transpõe mimeticamente os diversos materiais com que lida, mas elabora uma estrutura estética que articula conceitos como o de luta de classes, do fetichismo da mercadoria e da luta de gênero. As peças realizam a formalização estética de questões relativas à desigualdade de gênero em seus diversos aspectos.

INTRODUÇÃO

Nos papéis do teatro e da vida, a imagem feminina é marginalizada, estigmatizada ou reduzida a papéis planos, muitas vezes retratadas de forma limitada, sem profundidade ou complexidade. No teatro, isso pode se manifestar em personagens femininas que funcionam apenas como acessório para os personagens masculinos, sem suas próprias histórias ou desenvolvimento, ou reduzidas a estereótipos. Evidencia-se então a necessidade de dar luz a peças que protagonizam as contradições dialéticas do papel feminino em seus diversos aspectos. Este projeto teve como propósito analisar como se constroem os papéis femininos, bem como sua função e importância, nas peças *O pão e a pedra* (2016) e *Lugar Nenhum* (2019), da Companhia do Latão.

O pão e a pedra, que retrata os desafios enfrentados pelos trabalhadores durante a Greve do ABC no final dos anos 1970, um dos movimentos decisivos para o fim da ditadura, possui núcleos com personagens principais mulheres que representam a luta proletária feminina em suas individualidades. Todas as personagens são profundamente afetadas por desigualdades financeiras, afetivas e sociais, e revelam cicatrizes provocadas pelo

machismo presente na sociedade. Seus papéis de proletárias, militantes, mães, esposas, filhas, namoradas, não são excludentes; estão profundamente interligados e parecem sufocar os personagens e o público. A peça retrata de forma poética e dialética esses desafios que existiam nos anos 70 e parecem produzir efeitos análogos hoje.

Lugar Nenhum se passa nos primeiros anos da ditadura civil-militar brasileira e retrata uma família de artistas que se reúne em uma casa de praia, na região de Paraty, para comemorar o aniversário do filho, Antonio. Em meio a viagem, acompanhada de agregados e empregados, eles se vêem em meio a uma crise familiar. A companhia também transforma essa peça em palco para personagens femininas cativantes, destacando os desafios enfrentados por mulheres de diferentes idades, raças e posições sociais.

A Cia do Latão é um grupo teatral formado em 1997, em São Paulo. Sua intensa produção teatral é resultado da busca pela interlocução com grupos de pesquisa de diversas áreas que participam da criação das peças (MATSUNAGA, 2013, p. 26). Sua base teórica e crítica, o teatro épico, propõe uma reflexão crítica e uma ação política intimamente articulados com uma perspectiva estética, muito pautado pelos trabalhos de Brecht. Ele propõe uma refuncionalização do teatro, pois este precisa ser visto como parte de um sistema social amplo, e com impactos decisivos na vida material. O teatro deixa de apenas emocionar, mas faz com que essa emoção seja crítica, fomenta a inteligência.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esse projeto de Iniciação Científica teve como metodologia a análise qualitativa, de revisão bibliográfica. Foi analisado como se constroem os personagens femininos nas peças *O pão e a pedra* e *Lugar Nenhum* a partir de pressupostos dialéticos que mediam a forma e o contexto histórico-social da obra. Desta forma, para a abordagem de elementos do teatro-épico, o projeto teve como referencial teórico a obra *O teatro épico*, de Rosenfeld (1985). Para compreender como essa perspectiva reverberou no teatro brasileiro usamos, sobretudo, Costa (2016). Por fim, para o estudo do Latão usamos o livro organizado por Carvalho (2009), dentre outros, que foram discutidos a fim de compreender seu contexto estético e histórico de produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *O pão e a pedra*, as personagens femininas mobilizam pilares centrais da discussão sobre a participação feminina na greve, a desigualdade salarial, o machismo e as diversas formas de opressão a que são submetidas. Matsunaga (2019) aponta que a peça tensiona a certeza identitária que permeia a relação entre arte e vida, mas poderia também ser aplicada a contextos como lugar de fala, sexualidade, relações econômicas e de poder. De forma objetiva, a peça mostra a trajetória de quatro mulheres: Joana Paixão, Luísa, Irene e Mirian, que representam diferentes faces do movimento operário que protagonizou a greve. O objetivo da análise foi estudar, por meio de pressupostos da crítica materialista, através de diferentes perspectivas, novas faces da figura feminina no drama contemporâneo.

Joana Paixão é uma das principais personagens nesse jogo que relaciona as metamorfoses entre a arte e a vida. A personagem ilustra a história de uma mãe solteira, operária do ABC que, em busca de sobrevivência e em decorrência das péssimas

condições de trabalho, precisa se “travestir” de homem, se tornando então o personagem João Batista. “Joana expressa o processo de vir-a-ser do Capital [...] que, numa perpétua desintegração e recriação, evidencia o impasse da representação interessada em colocar em cena a desumanização como princípio de sobrevivência” (MATSUNAGA, 2019, p.37). Na cena de metamorfose/ transformação de Joana em João, a personagem olha para um espelho acrílico e desenha um bigode falso. Os elementos evidenciam a teatralidade da performance, dispensando o caráter realista de representação e ressaltando assim, a capacidade do teatro em metamorfosear os papéis da vida: teatro é transformação. Nesse momento fica evidente que a peça não é as questões que discute, é uma peça que discute essas questões, mas não se reduz a elas. A peça não é mimetização da vida. Esse nível de interrupção da ação para essa metateatralidade é épico.

Luísa também representa problemáticas centrais da peça. A estudante se insere no espaço fabril, assumindo a condição de operária, com o propósito de promover a conscientização dos trabalhadores a respeito da greve e dos movimentos políticos. Sua trajetória reflete as estruturas hierárquicas e ideológicas que permeiam a militância de esquerda. Ela percebe, ao longo da peça, que não sabia dialogar com as operárias, não sabia como abordá-las em uma linguagem acessível e não compreendia que, muitas vezes, garantir a própria subsistência mostrava-se mais urgente do que participar de um movimento que, embora expressasse suas necessidades, não oferecia uma perspectiva segura de sucesso, ainda mais em decorrência da forte repressão da ditadura. A trajetória da personagem é marcada por uma evidente evolução, na qual seu “olhar” se humaniza ao perceber que o conhecimento teórico apropriado na faculdade não alcança as questões humanas e individuais das operárias. Inicialmente, a recusa em aderir ao movimento grevista, voltado à defesa dos direitos dos trabalhadores, lhe parece incompreensível. Entretanto, gradualmente, passa a reconhecer as renúncias e os dilemas envolvidos nesta decisão.

Outra questão central sobre Luísa é sua relação com o namorado Pedro. O jovem, também militante de esquerda, é outro exemplo da epicidade da peça, que não segue a estrutura lógica de estabelecer “vilões” e “heróis”. A luz é direcionada para as questões que compreendem as diferentes camadas que mobilizaram o movimento operário. Apesar de seu amplo conhecimento teórico, Pedro não consegue dialogar com os operários, olha para eles com desprezo e trata as mulheres como inferiores. Sua relação com Luísa é marcada por essa posição de opressão, subversão e mesmo abuso.

De modo análogo, a peça *Lugar Nenhum* também mobiliza questões de grande relevância e demonstra outro patamar para a representação feminina no teatro. Teresa, por exemplo, é uma personagem que emerge de um duplo processo de imitação e negação dialética. Carvalho (2019) destaca que sua principal característica é a capacidade de gerar observações autocríticas e metateatrais, pois possui uma consciência aguda sobre o próprio ato de representar e sobre sua posição social, permitindo à peça colocar outras questões narrativas. Ela não é vítima passiva de seu contexto, mas uma figura pela qual a peça examina, de forma reflexiva, as contradições dos produtores de cultura em um momento de regressão social. Ela encarna uma burguesia branca e supostamente liberal. No entanto, sua modernidade aparente é fissurada por um racismo estrutural não superado, que emerge em suas interações, particularmente com Ivone. Maria, a empregada da casa, é uma mulher de descendência indígena, é casada e tem 20 anos. Ela pode ser vista como a representação silenciosa e testemunha da violência genocida contra os povos originários. Sua presença como empregada doméstica na casa de praia

branca e privilegiada situa-a no lugar histórico da servidão e da exploração. Maria não é uma personagem desenvolvida psicologicamente; ela é um símbolo potente da base material e do custo humano sobre os quais se ergue o mundo ocioso e intelectualizado dos personagens principais.

Ivone é uma mulher negra, estudante de artes visuais, tem 23 anos e é a namorada de Jonas. É a personagem que personifica a ambiguidade e o deslocamento da pessoa negra de classe média na estrutura social brasileira. Sua altivez é uma marca de resistência à tentativa de inferiorização. Ela ocupa um lugar paradoxal: é a namorada atual de Jonas (o ex-marido branco de Teresa), integrada àquele círculo familiar, mas simultaneamente deslocada e vista como uma intrusa pela branquidade dominante, representada por Teresa. Kehl (2019) utiliza a teoria de Frantz Fanon para explicar a reação de estranhamento que Ivone provoca: ela é uma “réplica do branco” em sua educação e maneiras, o que gera um desconforto que se resolve na violência simbólica e física. Seu lugar não é de vítima passiva, mas de figura que expõe as feridas raciais não resolvidas.

CONCLUSÕES

O teatro dialético tem uma função didática que faz do palco um espaço científico cujo propósito é esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la, sendo capaz mesmo de convidá-los a fazer parte da transformação. Em ambas as peças, esse recurso é amplamente usado e se manifesta na construção de cenas que deliberadamente interrompem a identificação imediata do público com os personagens ou a narrativa (ROSENFELD, 1985, p.148). A Cia do Latão consegue, com essas peças, propor uma crítica estética que, ao mesmo tempo, revisita momentos-chave de nossa história social, perspectiva a partir de ângulos decisivos do contexto contemporâneo (no nosso caso, o lugar das mulheres) e, com isso, cobra dos leitores/expectadores uma postura crítica, rediscutindo a função social da arte no contexto contemporâneo.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Alexandre Villibor Flory, pela orientação nesse trabalho de Iniciação Científica e pela contribuição no nosso processo de formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, S. **Lugar Nenhum**. São Paulo: Temporal, 2019.

CARVALHO, S. **Introdução ao Teatro Dialético: Experimentos da Companhia do Latão**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CARVALHO, S. **O pão e a pedra**. São Paulo: Editora Temporal, 2019.

COSTA, I.C. **A hora do teatro épico no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

KEHL, M. R. Um lugar muito familiar (posfácio). In: CARVALHO, S. **Lugar Nenhum**. São Paulo: Temporal, 2019. P. 117-121.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

MATSUNAGA, P. É pão é pedra. In: FLORY, A; MIRANDA, C.; ALVES, L. K. (Orgs)
Dramaturgia e teatro: a cena contemporânea. Maringá: Eduem, 2019.

ROSENFELD, A. **O teatro épico.** São Paulo: Perspectiva, 1985.